

a insanidade das massas

douglas murray

Tradução de Fernanda Semedo

 **DESASSOSSEGO**
LIVROS PARA PENSAR



DESASSOSSEGO
LIVROS PARA PENSAR

TÍTULO: *A Insanidade das Massas*

AUTORIA: *Douglas Murray*

EDITOR: *Luís Corte Real*

Esta edição © 2020 Edições Saída de Emergência

Título original The Madness of Crowds: Gender, Race and Identity © Douglas Murray, 2019.

Tradução publicada por acordo com Bloomsbury Publishing Plc.

TRADUÇÃO: *Fernanda Semedo*

REVISÃO: *Luís Guimarães*

COMPOSIÇÃO: *Saída de Emergência, em caracteres Minion, corpo 11*

DESIGN DA CAPA: © *Bloomsbury Publishing*

IMPRESSÃO E ACABAMENTO: *Caflesa – Soluções Gráficas, Lda.*

1.ª EDIÇÃO: *fevereiro, 2020*

ISBN: *978-989-8892-49-2*

DEPÓSITO LEGAL: *465827/20*


Desassossego é uma chancela do Grupo Saída de Emergência

Taguspark, Rua Prof. Dr. Aníbal Cavaco Silva,

Edifício Qualidade – Bloco B3, Piso 0, Porta B

2740-296 Porto Salvo, Portugal

TEL.: *214 583 770*

 WWW.SDE.PT

 [EDICOESDESASSOSSEGO](https://www.facebook.com/EDICOESDESASSOSSEGO)

 [EDITORA.SAIDA.DE.EMERGENCIA](https://www.instagram.com/EDITORA.SAIDA.DE.EMERGENCIA)

 [@EdDesassossego](https://twitter.com/EdDesassossego)

ÍNDICE

<i>Introdução</i>	11
Capítulo Um – Gay	21
<i>Interlúdio – As Fundações Marxistas</i>	59
Capítulo Dois – Mulheres	71
<i>Interlúdio – O Impacto da Tecnologia</i>	111
Capítulo Três – Raça	125
<i>Interlúdio – Sobre o Perdão</i>	175
Capítulo Quatro: Trans	185
Conclusão	229
Agradecimentos	255
Notas	257
Índice Remissivo	271

«A marca especial do mundo moderno não é ser cético, mas ser dogmático sem o saber.»

G. K. Chesterton

«Oh my gosh, look at her butt
Oh my gosh, look at her butt
Oh my gosh, look at her butt
(Look at her butt)
Look at, look at, look at
Look, at her butt.»^{*}

N. Minaj

^{*} «Oh, meu Deus, olha o rabo dela/Oh, meu Deus, olha o rabo dela/Oh, meu Deus, olha o rabo dela/(Olha o rabo dela)/Olha, olha, olha/Olha o rabo dela.»

INTRODUÇÃO

Vivemos, atualmente, uma grande insanidade das multidões. Em público e em privado, tanto *on* como *offline*, as pessoas estão a comportar-se de forma cada vez mais irracional e febril, seguindo o rebanho ou sendo simplesmente desagradáveis. O ciclo diário das notícias alimenta-se com as consequências desta situação. Contudo, apesar de vermos os sintomas em todo o lado, não vemos as causas.

As várias explicações avançadas tendem a sugerir que toda e qualquer loucura é consequência de uma eleição presidencial ou de um referendo. Mas nenhuma vai à raiz dos acontecimentos. Porque, muito abaixo desses eventos quotidianos, existem movimentos bem mais amplos e acontecimentos bem mais importantes. É tempo de começarmos a confrontar as verdadeiras causas do que está a correr mal.

A própria origem desta situação raramente é reconhecida: o facto simples de termos atravessado um período de mais de um quarto de século em que todas as nossas grandes narrativas caíram por terra. Foram, uma a uma, refutadas, tornou-se impopular defendê-las ou impossível sustentá-las. As explicações para a nossa existência fornecidas pela religião foram as primeiras, esboroando-se a partir do século XIX. Depois, ao longo do século passado, as esperanças seculares apresentadas pelas ideologias políticas seguiram na esteira da religião. Na última parte do século XX, entrámos na era pós-moderna. Uma era que se definiu e foi definida pela desconfiança em relação a todas as grandes narrativas.¹

Contudo, como todos os alunos da escola aprendem, a natureza abomina

o vazio, e no vazio pós-moderno novas ideias começaram a despontar, com a intenção de fornecerem as suas próprias explicações e sentidos.

Era inevitável que se pintassem alguns limites no campo vazio. As pessoas nas democracias ricas ocidentais de hoje em dia não podiam, simplesmente, ser as primeiras desde o início da História a não ter absolutamente nenhuma explicação para o que fazemos aqui, nenhuma história para dar um sentido à vida. Por muito que lhes faltasse alguma coisa, as grandes narrativas do passado davam, pelo menos, um sentido à vida. A questão do que, exatamente, se supõe que façamos agora — além de enriquecermos como quer que possamos e de usufruirmos de todos os divertimentos que nos sejam oferecidos — teria de ser respondida por alguma coisa.

A resposta que se apresentou nos últimos anos passa por empreender novas batalhas, fazer campanhas ainda mais agressivas e ainda mais exigências de nichos. Encontrar significado travando uma guerra constante contra quem quer que pareça estar do lado errado de uma questão que acabou, ela própria, de ser reformulada e cuja resposta acabou de ser alterada. A velocidade incrível deste processo deve-se sobretudo ao facto de uma série de empresas em Silicon Valley (nomeadamente Google, Twitter e Facebook) deterem agora o poder de não só mandar no que a maior parte das pessoas no mundo sabem, pensam e dizem, mas também terem um modelo de negócio que foi muito bem descrito como dependendo de encontrar «clientes prontos a pagarem para modificar o comportamento de outras pessoas».² Apesar de estarmos a ser castigados por um mundo tecnológico cujo avanço rápido não conseguimos acompanhar, estas guerras não são travadas sem objetivo. São travadas, consistentemente, numa direção particular. E essa direção tem um propósito vasto. Esse propósito — inconsciente em algumas pessoas, deliberado noutras — é implantar nas nossas sociedades uma nova metafísica ou, se preferirem, uma nova religião.

Embora as fundações tenham sido lançadas ao longo de várias décadas, apenas desde a crise financeira de 2008 se verificou uma marcha em direção ao *mainstream* de ideias antes apenas conhecidas pelas mais obscuras franjas da academia. Os encantos deste novo conjunto de crenças são bastante óbvios. Não é claro porque é que uma geração que não pode acumular capital haveria de ter um grande amor ao capitalismo. E não é difícil perceber porque é que uma geração que acredita talvez nunca poder ter casa própria sente atração por uma visão ideológica do mundo que promete resolver todas as desigualdades, não apenas na sua vida, mas todas as desigualdades do mundo. A interpretação do mundo através das lentes da «justiça social», das «políticas de identificação grupal» e do

«interseccionalismo» é provavelmente o esforço mais audaz e amplo desde o fim da Guerra Fria para criar uma nova ideologia.

Até agora, a «justiça social» foi a que avançou mais, porque soa — e em algumas versões, de facto, é — sedutora. O próprio termo foi concebido para não admitir oposição. «Opõe-se à justiça social? Então quer o quê? Injustiça social?»

As «políticas de identidade», entretanto, tornaram-se o lugar onde a justiça social encontra as suas fações. Atomizam a sociedade em diferentes grupos de interesses de acordo com o sexo (ou género), raça, preferência sexual e outras coisas. Partem do princípio de que estes atributos são os mais importantes ou únicos relevantes dos seus possuidores, e que são acompanhados de certos bónus. Por exemplo (como descreveu o escritor americano Coleman Hughes), existe a assunção de que há uma «sabedoria moral mais elevada» que advém do facto de se ser negro, mulher ou *gay*.³ Vem daí a tendência das pessoas para começarem os seus discursos dizendo, «Falando enquanto...». E tanto vivos como mortos precisam de estar do lado certo. É por isso que há apelos ao derrube de estátuas de figuras históricas vistas como tendo estado do lado errado e é por isso que temos de reescrever o passado daqueles que queremos salvar. Foi por isso que se tornou perfeitamente normal um senador do Sinn Fein afirmar que os grevistas de fome do IRA em 1981 estavam a lutar pelos direitos dos *gays*.⁴ A política de identidade é onde os grupos minoritários são incentivados a, simultaneamente, atomizarem, organizarem e afirmarem.

O conceito menos atrativo desta trindade é o de interseccionalidade. Trata-se de um convite a passar o resto da vida a tentar compreender toda e qualquer reivindicação de identidade e vulnerabilidade em nós mesmos e nos outros e depois organizarmo-nos dentro de qualquer sistema de justiça que emirja da hierarquia perpetuamente em movimento que vamos destapando. É um sistema que, além de inoperável, é demencial, fazendo exigências impossíveis em relação a fins inatingíveis. Porém, hoje em dia, a interseccionalidade saiu dos departamentos de ciências sociais das faculdades onde se originou. Está agora a ser levada a sério por uma geração de jovens e — como veremos — implantou-se nas leis do trabalho (especificamente através de um «compromisso com a diversidade») em todas as grandes corporações e governos.

Novas heurísticas tornaram-se necessárias para forçar as pessoas a absorver os novos princípios. A velocidade a que se tornaram *mainstream* é desconcertante. Como salientou o matemático e escritor Eric Weinstein (e como mostra uma pesquisa no Google Books), expressões como «LGBTQ», «privilégio branco» e «transfobia» passaram de um ponto em que nunca eram usadas a outro em que são *mainstream*. Como escreveu acerca do gráfico

daqui resultante, o «material para despertar consciências» que os Millennials e outros estão a usar atualmente para «destruir milénios de opressão e/ou civilização... foi inventado há cerca de 20 minutos». Prossegue dizendo que, apesar de não haver nada de errado em experimentar novas ideias e expressões, «é preciso ser-se muito imprudente para confiar tanto em tantas heurísticas não testadas, que os seus pais inventaram em campos não testados e que não têm sequer 50 anos.»⁵ Do mesmo modo, Greg Lukianoff e Jonathan Haidt salientaram (no seu livro de 2018, *The Coddling of the American Mind*) o quanto são recentes os meios de policiar e regulamentar estas novas heurísticas. Expressões como «triggered» e «sentir-se inseguro» e a afirmação de que as palavras que não se encaixam na nova religião causam «dano» só entraram em uso a partir de 2013.⁶ É como se, tendo definido o que pretendia, a nova metafísica tivesse dedicado a meia década seguinte a definir como intimar os seus seguidores a chegarem ao *mainstream*. Mas fê-lo, e com grande sucesso.

Os resultados podem ser vistos nas notícias diárias. Sabe-se que a Associação Americana de Psicologia sente necessidade de aconselhar os seus membros sobre a forma de remover dos homens e rapazes a «masculinidade tradicional» prejudicial.⁷ É por isso que um programador do Google antes completamente desconhecido — James Damore — pode ser despedido por ter escrito um memorando a sugerir que alguns empregos tecnológicos são mais para homens do que para mulheres. E é por isso que o número de americanos que veem o racismo como um «grande problema» duplicou entre 2011 e 2017.⁸

Tendo começado a ver tudo através das novas lentes que nos forneceram, tudo é então transformado numa arma, com consequências que são simultaneamente dementes e causadoras de demência. É por isso que o *The New York Times* decidiu publicar um artigo escrito por um autor negro com o título: «Can my Children be Friends with White People?» [*Poderão os Meus Filhos Ser Amigos de Brancos?*]⁹ E é por isso que até um artigo sobre mortes de ciclistas em Londres, escrito por uma mulher, pode ter como título: «Roads Designed by Men are Killing Women» [*Estradas Desenhadas por Homens Estão a Matar Mulheres*].¹⁰ Uma tal retórica exacerba quaisquer divisões existentes e, a cada vez, cria uma série de divisões novas. E com que propósito? Em vez de nos mostrar como nos podemos dar todos melhor, as lições da última década parecem exacerbar uma sensação de, na verdade, não sermos muito bons a viver uns com os outros.

Para a maioria das pessoas, alguma consciência deste novo sistema de valores tornou-se clara, não tanto por tentativa, mas sim por erro muito público. Porque uma coisa que toda a gente começou a sentir nos últimos anos é que

foram instaladas uma série de minas através da cultura. Quer sejam colocadas por indivíduos, grupos ou qualquer satírico divino, ali estão, esperando que uma pessoa após outra tropece nelas. Por vezes um pé toca inadvertidamente numa e há uma explosão imediata. Noutras ocasiões, as pessoas viram um qualquer louco corajoso a caminhar diretamente para a terra de ninguém, completamente consciente do que fazia. Após cada detonação, existe alguma discussão (incluindo o ocasional «viva» de admiração) e depois o mundo prossegue, aceitando que o estranho e aparentemente improvisado sistema de valores do nosso tempo fez mais uma vítima.

Demorou algum tempo até que a delineação destas minas se tornasse clara, mas agora já o é. Entre as primeiras está tudo o que se relacione com a homossexualidade. Na última metade do século xx houve uma luta pela igualdade dos *gays* que foi tremendamente bem-sucedida, revertendo uma terrível injustiça histórica. Depois da guerra vencida, tornou-se claro que não ia parar. Na verdade, estava a transformar-se. GLB (*Gays, Lésbicas e Bi*) tornou-se LGB, para não diminuir a visibilidade das lésbicas. Depois foi adicionado um T (de que se falará mais tarde). Depois um Q e em seguida algumas estrelas e asteriscos. E, à medida que o alfabeto *gay* crescia, também algo mudava dentro do movimento. Começou por se comportar — vitoriosamente — como os seus opositores se tinham comportado outrora. Quando a bota estava no outro pé, algo de feio aconteceu. Uma década antes, quase ninguém apoiava o casamento *gay*. Mesmo grupos pelos direitos dos *gays*, como o Stonewall, discordavam. Alguns anos depois, tornara-se um valor fundamental do liberalismo moderno. Ignorar a questão do casamento *gay* — apenas alguns anos depois de quase toda a gente o ignorar (incluindo grupos de defesa dos direitos dos *gays*) — era colocar-se fora dos limites aceitáveis. As pessoas podem concordar ou não com essa reivindicação de direitos, mas uma mudança tão rápida de costumes tem de ser feita com extraordinária sensibilidade e alguma reflexão profunda. Contudo, parecemos felizes em passar pelos temas a toda a velocidade, sem nos envolvermos em nada.

Outros assuntos seguiram um padrão similar. Os direitos das mulheres — tal como os dos *gays* — foram-se acumulando regularmente ao longo do século xx. Também estes pareciam estar a chegar a uma espécie de estabilidade. E então, quando o comboio parecia aproximar-se do destino desejado, ganhou subitamente vapor e descarrilou. O que praticamente não era discutível até ao dia de ontem, tornou-se razão para destruir a vida de uma pessoa hoje. Carreiras completas foram esmagadas e lançadas pelos ares enquanto o comboio prosseguia.

Carreiras como a do professor Tim Hunt, de 72 anos, vencedor de um

Prémio Nobel, foram destruídas após uma anedota infeliz numa conferência na Coreia do Sul, acerca de homens e mulheres se apaixonarem no laboratório.¹¹ Expressões como «masculinidade tóxica» entraram no uso comum. Que virtude houve em tornar as relações entre os sexos tão tensas que a metade masculina da espécie pode ser tratada como se fosse cancerosa? Ou no desenvolvimento da ideia de que os homens não têm o direito de falar acerca do sexo feminino? Porque é que, quando as mulheres tinham quebrado mais telhados de vidro do que alguma vez na História, a conversa do «patriarcado» e da «condescendência masculina» escorreu das franjas do feminismo para o centro de lugares como o Senado Australiano?¹²

De modo similar, o movimento dos direitos civis na América, que teve início para corrigir o mais confrangedor dos erros históricos, parecia avançar para uma solução desejada. Porém, mais uma vez, perto da vitória, tudo pareceu azedar. Exatamente quando as coisas pareciam melhores do que nunca, a retórica começou a sugerir que nunca tinham sido piores. De repente — quando a maior parte de nós desejava que se tornasse um não-assunto — tudo parecia ter-se tornado uma questão de raça. Tal como em relação a todas as outras questões minadas, só um tolo ou um louco se atreveria, sequer, a especular — e muito menos a pôr em causa — esta viragem nos eventos.

E então, finalmente, todos esbarrámos, perplexos, com o território menos cartografado de todos. Era a afirmação de que entre nós vivia um número considerável de pessoas que habitavam corpos errados e que, em consequência, as poucas certezas que persistiam nas nossas sociedades (incluindo as enraizadas na ciência e na linguagem) precisavam de ser profundamente reformuladas. Em certos aspetos, o debate em torno da questão trans é o mais sugestivo de todos. Embora a mais recente das questões de direitos seja também a que afeta, de longe, o menor número de pessoas, é no entanto defendida com uma ferocidade e raiva quase inigualáveis. Mulheres apanhadas no lado errado da discussão foram perseguidas por pessoas que costumavam ser homens. Pais que davam voz à crença que era comum até ao dia de ontem, viram a sua capacidade parental questionada. No Reino Unido e em todo o lado a polícia investiga pessoas que não admitem que os homens podem ser mulheres (e vice-versa).¹³

Uma das coisas que estas questões têm em comum é que começaram como campanhas legítimas de direitos humanos. Foi por isso que foram tão longe. Mas, a certa altura, todas atravessaram a barreira de segurança. Não contentes com a igualdade, começaram a definir posições insustentáveis, como «melhor». Alguns podem argumentar que o objetivo é apenas passar algum tempo no «melhor» para nivelar o campo de jogo. Na esteira do movimento #MeToo

tornou-se comum ouvir esses sentimentos. Como disse uma apresentadora da CNN, «Poderá haver uma correção excessiva, mas não faz mal. Devem-nos uma compensação».¹⁴ Até agora, ninguém esclareceu quando é que essa compensação terá sido atingida, nem em quem podemos confiar para o anunciar.

O que toda a gente sabe é os nomes que lhes chamarão se se mostrarem, ainda que levemente, contra estas minas acabadas de montar. «Intolerante», «homofóbico», «sexista», «misógino», «racista» e «transfóbico», só para começar. As lutas de direitos do nosso tempo centraram-se nestes assuntos tóxicos e explosivos. Mas, no processo, estas questões de direitos deixaram de ser o produto de um sistema para se tornarem as fundações de outro. Para demonstrar afiliação ao sistema, as pessoas têm de provar as suas credenciais e o seu compromisso. Como é que alguém pode demonstrar virtude neste novo mundo? Claramente, sendo «antirracista». Obviamente, sendo «aliado» das pessoas LGBT. Enfatizando, seja homem ou mulher, o seu desejo ardente de derrubar o patriarcado.

E isto cria um problema de fiscalização, em que as afirmações públicas de lealdade ao sistema devem ser feitas continuamente, haja ou não necessidade delas. É uma extensão de um problema bem conhecido do liberalismo, até entre aqueles que outrora travaram uma luta nobre. É uma tendência identificada, pelo falecido filósofo político australiano Kenneth Minogue, como a síndrome de «São Jorge aposentado». Depois de chacinar o dragão, o bravo guerreiro dá por si a examinar o terreno, procurando lutas ainda mais gloriosas. Precisa dos seus dragões. Finalmente, depois de se esgotar na perseguição de dragões cada vez mais pequenos, pode até ser visto a esgrimir a sua espada no ar, imaginando que lá estão dragões.¹⁵ Se isso pode ser uma tentação para um verdadeiro São Jorge, imagine-se o que fará uma pessoa que não seja santa, não tenha cavalo nem lança e em quem ninguém está a reparar. Como podem persuadir as pessoas de que, havendo oportunidade histórica, também elas teriam, sem hesitação, trucidado o dragão?

Nas afirmações e retórica de apoio citadas ao longo deste livro, há muito disto em evidência. A nossa vida pública está agora repleta de pessoas desesperadas por controlar as barricadas, muito depois de a revolução estar terminada. Seja porque confundem as barricadas com o seu lar, seja porque não têm outro lar para onde ir. Em ambos os casos, uma demonstração de virtude exige uma afirmação exagerada do problema, que causa a sua amplificação.

Mas existem mais problemas em tudo isto, e é por isso que considero as bases de cada uma destas novas metafísicas não apenas seriamente, mas uma a uma. Em relação a cada uma destas questões, um número cada vez maior de pessoas, tendo a lei do seu lado, parte do princípio de que tanto a sua

questão como, na verdade, todas estas questões, estão encerradas e possuem acordo geral. O caso é bastante diferente. A natureza do que significa possuir o acordo geral não é de facto algo que possua o acordo geral. Cada uma destas questões é infinitamente mais complexa e instável do que as nossas sociedades, hoje em dia, desejam admitir. E é por isso que, colocadas juntas como os tijolos de fundação de uma nova moralidade e metafísica, constituem a base de uma loucura geral. De facto, é difícil imaginar uma base mais instável para a harmonia social.

Isto porque, apesar de a igualdade racial, os direitos das minorias e das mulheres se encontrarem entre os melhores produtos do liberalismo, constituem as fundações mais desestabilizadoras. Tentar que sejam a fundação é como virar um banco de bar e tentar equilibrar-se em cima dele. Os produtos do sistema não podem reproduzir a estabilidade do sistema que os produziu. Quanto mais não seja, porque cada uma dessas questões é, em si própria, uma componente profundamente instável. Apresentamo-las todas como resolvidas e possuindo acordo geral. Contudo, embora as infundáveis contradições, fabricações e fantasias no seio de cada uma sejam visíveis para todos, identificá-las não é apenas desincentivado, mas literalmente policiado. E assim solicitam-nos que concordemos com coisas em que não podemos acreditar.

É a razão fundamental para as discussões, tanto *online* como na vida real, serem tão desagradáveis. Porque nos estão a pedir que realizemos um conjunto de saltos que não conseguimos realizar, e que provavelmente será insensato realizar. Pedem-nos que acreditemos em coisas que são inacreditáveis e dizem-nos que não objetemos a coisas (como dar às crianças medicamentos que as impedem de passar pela puberdade) às quais a maioria das pessoas sente grandes objeções. A dor que resulta de se esperar que fiquemos em silêncio relativamente a alguns assuntos importantes e demos saltos impossíveis noutros, é tremenda, até porque os problemas (incluindo as contradições internas) são tão evidentes. Como todos aqueles que viveram sob um regime totalitário podem confirmar, há algo de humilhante e até destruidor da alma quando se espera que alinhemos com reivindicações que não acreditamos serem verdadeiras e não se podem provar verdadeiras. Se a crença é a de que todas as pessoas devem ser vistas como tendo igual valor e que lhes deve ser atribuída dignidade igual, então está tudo muito bem. Se nos pedirem que acreditemos não haver diferenças entre homossexualidade e heterossexualidade, homens e mulheres, racismo e antirracismo, isto acabará por nos distrair. Essa distração — ou insanidade das massas — é algo em cujo seio nos encontramos e de onde precisamos de sair.

Se falharmos, a direção da viagem já é clara. Enfrentamos um futuro não apenas de maior atomização, raiva e violência, mas um futuro em que a possibilidade de uma reação negativa contra todos os avanços nos direitos — incluindo os bons — tem mais probabilidade de crescer. Um futuro em que ao racismo se responderá com racismo, e a humilhação com base no gênero será respondida com humilhação com base no gênero. Num determinado estágio de humilhação, não há simplesmente razão para grupos majoritários não voltarem a jogar jogos que tiveram resultados tão bons para eles.

Este livro sugere uma série de formas para sair desta situação. Mas a melhor forma de começar é não apenas compreender as origens do que se passa neste momento, mas ser livre para o discutir. Ao escrever este livro, descobri que o Exército Britânico tem um equipamento de limpeza de minas chamado «The Python», mas que, num estágio anterior ao seu desenvolvimento, se chamava «The Giant Viper». Quando este sistema é disparado num campo de minas, liberta um foguete atrás do qual se desenrola uma cauda semelhante a uma mangueira com centenas de metros de comprimento e cheia de explosivos. Quando esta está estendida sobre o campo de minas (e, como em relação a tudo o resto, é possível ver vídeos disto *online*), causa aquilo a que se chama «detonação por simpatia». Ou seja, todo o aparelho explode, detonando minas num raio significativo em torno do foguete e da sua cauda. Embora não consiga limpar todo o campo de minas, consegue limpar um caminho através do qual pessoas, camiões e até tanques podem viajar com segurança no que era antes terreno intransitável.

Na minha modesta forma de pensar, este livro é o meu sistema *Viper*. Não pretendo limpar todo o campo minado — nem poderia, ainda que quisesse. Mas espero ajudar a limpar algum terreno através do qual outras pessoas possam depois passar com maior segurança.

CAPÍTULO UM

GAY

É um dia frio de fevereiro em Londres. Estamos em 2018, e uma pequena manifestação decorre à porta de um cinema junto de Piccadilly Circus. Bem agasalhados, os manifestantes silenciosos seguram cartazes que dizem: «Silenciado», em letras maiúsculas. A maior parte dos londrinos que tentam chegar às paragens de autocarro e aos bares do Soho mal dão por eles. Um casal de passagem repara que o grupo é constituído sobretudo por pessoas de meia-idade e mais velhas. Diz um para o outro: «Deve ser um protesto dos independentistas.» Mas não é. As dezenas de pessoas reunidas vieram para ver um filme chamado *Voices of the Silenced* [*Vozes dos Silenciados*]. Mas, como os seus cartazes salientam, *Voices of the Silenced* foi, ele próprio, silenciado.

Os organizadores tinham alugado o cinema três meses antes e afirmavam ter cumprido todas as regras relativas a visionamentos privados, incluindo o envio antecipado do ficheiro. Porém, um dia antes da sessão, a *Pink News* — um remanescente *online* da imprensa inglesa *gay* — soube do visionamento e apelou ao seu cancelamento imediato. O apelo foi bem-sucedido. O cinema Vue esquivou-se a qualquer publicidade negativa, anunciando de imediato que tinha o direito de não cumprir contratos privados se o filme a mostrar estivesse «em contradição direta com os seus valores». O cinema também avisou o grupo de que poderia haver uma ameaça à «ordem pública» e até mesmo à «segurança» se o visionamento se concretizasse.

Então, na grande noite, com exatamente 126 pessoas que aparentemente tinham viajado de tão longe quanto a Holanda, os organizadores debatem-se para encontrar outro local onde o seu público possa ver o filme. Entre

os principais organizadores da noite encontra-se o Dr. Michael Davidson, do Core Issues Trust. Davidson não é médico. Tem um doutoramento em Educação mas, como outras figuras públicas que usam o prefixo, percebe-se que não se importaria se alguém interpretasse mal a natureza precisa das suas qualificações.

Davidson conquistara atenção nacional em Inglaterra seis meses antes, quando fora convidado para o programa da ITV, *Good Morning Britain*, copresentado por Piers Morgan, para discutir a homossexualidade e as chamadas «terapias de conversão». Davidson admitira ter sido, ele próprio, *gay* — ou, pelo menos, ter tido «experiências homossexuais». A certa altura, porém, decidira que aquilo não era para ele. Está casado há 35 anos e tem dois filhos. Acredita que, onde ele foi, outras pessoas podem segui-lo e, por isso, através do seu grupo, oferece aconselhamento voluntário a quem, como ele, quer deixar de ser *gay* e tornar-se heterossexual, admitindo que ainda tem «certos anseios», apesar de não passar à prática.

Quando provocado acerca de tudo isto na televisão nacional, Davidson, calma e polidamente, deixa claro que acha a homossexualidade uma «aberração» e especifica que se trata de um comportamento aprendido. Quando lhe perguntam se pode ser desaprendido, afirma que «em alguns casos é reversível, para as pessoas que querem realizar essa trajetória nas suas vidas». O Dr. Davidson conseguiu dizer isto antes de o seu principal entrevistador denunciar aos outros presentes no estúdio. «Sabe o que chamamos a esses, Dr. Michael?», perguntou-lhe Piers Morgan. «Chamamos-lhes fanaticozinhos horríveis do mundo moderno. Meros fanáticos que só dizem asneiras e são, a meu ver, elementos malévolos e perigosos da nossa sociedade. Que se passa com vocês? Como podem pensar que ninguém nasceu *gay*, que foram todos corrompidos e todos podem ser curados? Quem é o senhor para dizer tanta barbaridade?»

Um Davidson relativamente impávido pediu a Morgan provas de que as pessoas nascem *gays*, salientando que nem a Associação de Psicologia Americana nem o Royal College of Psychiatrists acreditam que a homossexualidade seja inata e imutável. Nessa altura, o entrevistador ordenou-lhe que «se calasse um momento» e «parasse de citar cientistas malucos lá da América». Morgan continuou, gritando ao seu convidado, «Cale-se, seu velho preconceituoso», antes de dar por encerrada a entrevista com as palavras «Já estou farto dele. Dr. Michael, cale-se.»¹⁶ E foi assim que terminou. Nessa manhã, a ITV enviara um carro a casa de um convidado para o levar a um estúdio de televisão nacional, apenas para o mandarem calar durante a sua entrevista.

Seis meses se passaram e Davidson permanece claramente impávido perante essa excitação mediática. Falando ao telemóvel à porta do local cancelado em Piccadilly, sente-se aliviado ao dizer à sua audiência que finalmente encontrou um sítio onde lhe será permitido mostrar o seu filme. Então, aqueles homens e mulheres dirigem-se ao Emmanuel Centre em Westminster, muito perto do Parlamento.

As portas desse local estão firmemente cerradas mas, numa porta lateral, se disser o seu nome e este constar da lista, pode desfrutar do serão. De facto, uma vez lá dentro, o evento torna-se bastante alegre. Oferecem a cada pessoa um copo de *prosecco* e um saco de pipocas para levar para o filme. Uma mulher idosa aproxima-se de mim e agradece-me por ter vindo. «Obviamente, conheço as suas origens», diz ela, e percebo que não fala do sítio onde fui criado, «pois o senhor fala disso frequentemente», acrescenta enigmaticamente. Mas ela explica que isso só significa que está ainda mais satisfeita por eu estar ali. É verdade que eu posso bem ser a única pessoa de fora neste visionamento de um filme sobre a cura dos *gays*. Mas desconfio que não sou o único *gay* na sala.

O filme *Voices of the Silenced* é menos coerente do que se podia esperar. A questão fundamental (conforme explicado pelo próprio Davidson na abertura do filme) é que «As ideologias antigas e modernas estão a juntar-se». Nunca fica muito claro como, e parece que dois filmes diferentes foram desastrosamente misturados num estágio final do processo de edição. O primeiro filme é sobre o mundo antigo, com assustadoras imagens apocalípticas. O segundo filme consiste numa série de testemunhos muito específicos, tanto de médicos como de pacientes, falando de ser *gay* e depois já não ser. Além do Dr. Davidson, está presente um tal Dr. Stephen Baskerville e um especialista do Texas chamado (não consigo dissimular uma gargalhada audível) David Pickup.

Então, sempre que há algo no filme sobre a destruição do Templo em 70 d. C. e o Arco de Tito, volta logo a seguir aos *gays*. Ou aos *ex-gays*. Dizem-nos que «o novo estado de ortodoxia celebra a homossexualidade». Depois, juntamente com uma série de «especialistas» — sobretudo dos Estados Unidos —, obtemos os testemunhos. O que é que qualquer deles tem a ver com o Arco de Tito, nunca fica completamente claro. Talvez a homossexualidade esteja a causar o colapso desta civilização? Se assim é, a acusação nunca é feita. Há uma «ex-lésbica» agora casada, com cinco filhos, que conta que a sua «vulnerabilidade» ressurgiu há 10 anos, mas ela obteve ajuda de um pastor. Várias testemunhas falam de ideias suicidas, abuso de álcool e «autocentrismo». Uma das testemunhas (John) menciona que a sua mãe era uma «Jewess», uma palavra

que não se ouve muito hoje em dia. Há um testemunho longo de um bonito alemão de 29 anos chamado Marcel. Descreve as suas próprias tribulações. Diz que a mãe lhe batia quando era criança, nu, em frente da irmã e isto — sugere-se — pode ser uma das razões para se ter sentido atraído por homens no passado. Alguns entrevistados vinham de famílias em que os pais eram divorciados. Outros não. Vários dos entrevistados pareciam ter sido muito próximos das mães. Outros não.

O Dr. Joseph Nicolosi — uma das estrelas do filme — explica que muitos dos seus «pacientes», na verdade, odeiam as mães, não sabem como lidar com os homens e, em consequência, podem desenvolver certas fantasias. Sugere que uma cura para qualquer pessoa perturbada por tentações homoeróticas é considerarem fazer alguma coisa saudável, como «ir ao ginásio». O que leva a pensar que o Dr. Nicolosi nunca deve ter ido a um ginásio.

Claro que é fácil ridicularizar tudo isto e, para algumas pessoas, é também fácil sentir-se indignado. Contudo, as histórias humanas estão ali. John e Lindsay afirmam ter sofrido ambos de AMS (Atração pelo Mesmo Sexo) mas conseguiram resolver o problema e agora funcionam em conjunto, como um muito bem-sucedido casal heterossexual, com cinco filhos. «Não somos os únicos», assegura Lindsay ao espectador. «Conhecemos algumas pessoas [que também sofreram de AMS] que têm casamentos felizes. É um trabalho árduo», continua ela, com John, ligeiramente constrangido, sentado ao seu lado. «Não é para fracos. E penso que temos apenas de persistir. Particularmente na época atual, com todos os média e todas as pressões culturais para fazer o contrário.»

Mais tristes do que este casal são vários entrevistados que já foram *gays* e agora aparecem aqui de rosto oculto. Talvez seja demasiado caridoso pensar que não foi assim há tanto tempo que esta necessidade de rostos ocultos e fotografias de costas se aplicaria ao contrário.

Perto do fim do filme, um pastor irlandês resume uma parte do mesmo. Explica que não se importa que as pessoas sustentem a ideia de que a homossexualidade é inerente e imutável. Só quer que lhe seja permitido sustentar o seu ponto de vista. Como o Dr. Baskerville reitera, na academia e nos média apenas uma posição sobre esta matéria parece possível de sustentar, e essa é a da «promoção» da homossexualidade. «A sexualidade está a ser politizada», dizem-nos nos momentos finais. E depois, a seguir a outra referência inexplicável aos antigos judeus, o filme termina com uma frase dramática mas prudente: «Está na altura de aceitar a diferença.»

Não foi surpreendente que a audiência recebesse o filme calorosamente. E depois acontece algo de mortificante. Alguns dos entrevistados do filme estão

na audiência e são convidados a subir ao palco para receberem mais aplausos. Entre eles está um jovem britânico do filme, chamado Michael. Parece ligeiramente inquieto, nervoso e sofredor. A sua testa está mais enrugada do que é normal em alguém da sua idade. Por várias razões, ele já expôs no filme que não quer viver como *gay* e que, por isso, empreendeu um caminho interno obviamente angustiante para tentar viver como heterossexual e tornar-se (como o Dr. Davidson) num *ex-gay* — talvez até, a seu tempo, com o mesmo prazer de ter mulher e filhos. O serão termina com uma oração.

A caminho de casa, e nos dias que se seguiram, questionei-me acerca do meu serão com os terapeutas da conversão voluntária. Perguntei-me, em particular, porque é que não fiquei mais aborrecido com aquilo.

Primeiro, deve dizer-se que eu não temo estas pessoas — e certamente não conseguiria reunir aquele nível de indignação que a imprensa *gay* decidiu apresentar enquanto perde o seu propósito. Se há uma razão, é que eu não vejo que os acontecimentos estejam a ir na direção das pessoas que estavam no Emmanuel Centre nessa noite. Hoje, e no futuro previsível, eles estão do lado perdedor.

Quando aparecem na televisão são tratados com desdém — talvez demasiado desdém. Têm dificuldade em fazer documentários que se possam ver e ainda mais em conseguir apresentá-los. São obrigados a esconder-se em locais secretos e parece improvável que tomem seja o que for de assalto nos próximos tempos.

Claro que se eu fosse um jovem *gay* a crescer em algumas partes da América ou da Inglaterra rurais — mesmo hoje em dia —, talvez pensasse de maneira diferente. Decerto que, se tivesse crescido numa das zonas em que a religião é mais importante, e tivesse sido submetido às (ou ameaçado com) terapias de conversão forçada que aí aconteciam — e que ainda continuam a acontecer em algumas partes do mundo —, talvez visse Michael (Dr.) Davidson e os seus amigos a uma luz muito diferente.

Mas aqui, neste serão, eles são perdedores. E consciente da excitação que pode ocorrer quando a bota está no outro pé, sinto uma relutância em tratá-los de modo vitorioso, como alguns dos seus confrades ideológicos me teriam tratado se nos tivéssemos encontrado antes, em circunstâncias diferentes. A forma como algumas pessoas e movimentos se comportam no momento da vitória pode ser a coisa mais reveladora acerca deles. Permite que argumentos que funcionaram para si também funcionem para outros? A reciprocidade e a tolerância são princípios ou folhas de figueira? Aqueles que foram censurados passam a censurar os outros quando essa capacidade está nas suas mãos? Hoje, o cinema Vue está de um lado. Há algumas décadas, talvez tivesse estado

do outro. E a *Pink News* e outros que celebraram a sua vitória por, numa noite de fevereiro, expulsarem *Voices of the Silenced* para uma milha mais à frente, parecem muito prontos a empunhar esse poder sobre um evento privado. Ao fazê-lo, contradizem as afirmações feitas pelos ativistas dos direitos dos *gays* desde o início da sua batalha pela igualdade, quando diziam que não devia ser da conta de ninguém o que adultos em idade de consentir fazem em privado. Se isso funciona para os direitos dos grupos *gay*, então também deve aplicar-se aos direitos dos fundamentalistas cristãos e outros grupos.

Há duas outras coisas. A primeira é que, para ter medo do que estava a acontecer naquela noite, seria preciso extrapolar. Seria preciso suspeitar de que, quando Davidson disse que só queria lidar com as pessoas que o procuravam para pedir ajuda, isso era apenas uma fachada. Seria preciso acreditar que esta é, de facto, a primeira parte de um plano mais vasto para transformar algo voluntário em compulsório, e algo compulsório para algumas pessoas em compulsório para todos. E isso seria derrubar uma das bases da tolerância política. Seria atribuir-se o direito, não só de chegar às suas próprias conclusões acerca das pessoas, mas também de atribuir aos outros motivos que não pode ver mas de que suspeita. O que leva à questão que toda a gente nas sociedades diversas e pluralistas deve a certo ponto perguntar: «Tomamos as outras pessoas pelo seu valor facial, ou tentamos ler por trás das suas palavras e ações, reivindicando ver dentro dos seus corações e aí adivinhar os verdadeiros motivos que o seu discurso e ações ainda não revelaram?»

Se o fizéssemos em casos como estes, como o faríamos? Insistindo em que a outra parte tem os motivos mais negros possíveis, a não ser que eles nos provem completamente que as suas motivações são outras? Ou teríamos de aprender um certo grau de tolerância e confiança? Mesmo as respostas a essa pergunta não são fixas. Flutuam dependendo da data, localização, circunstância e sorte. Uma pessoa na casa dos 70 anos que foi submetida a terapia de conversão forçada (especialmente se tiver sofrido terapia de «aversão») terá mais razões para ser desconfiada do que qualquer outra das cada vez mais afortunadas gerações que se seguiram. As sirenes de aviso disparam mais cedo se tiverem sido instaladas mais cedo, ou em tempos mais adversos.

Talvez estas diferenças geracionais e geográficas diminuam ao longo do tempo e os efeitos niveladores dos média tornem toda a gente igualmente otimista. Ou talvez essas ferramentas tenham o efeito oposto, persuadindo um *gay* em 2019 em Amesterdão de que está permanentemente em risco de viver no Alabama de 1950. Ninguém sabe. Vivemos num mundo no qual, constantemente, todos os medos, ameaças e esperanças imagináveis estão disponíveis para nós.

Contudo, um pré-requisito para evitar a confrontação perpétua é a capacidade para ouvir as palavras das pessoas e conceder-lhes alguma confiança. É verdade que nos casos-limite, quando alertados para que algo estranho pode estar a acontecer, pode ser necessário escavar além das palavras para garantir o contrário. Porém, se isso já foi feito e nada foi encontrado, é preciso confiar nas palavras. Nenhuma da imprensa que procurou silenciar *Voices of the Silenced* provou que Davidson ou os seus colegas estavam a forçar participantes relutantes a submeter-se a um regime de conversão heterossexual. Ninguém sequer investigou detalhes do filme ou como é que o seu «aconselhamento» decorria. E, assim, foi feito um conjunto de presunções acerca do seu grupo e foram atribuídas diferentes interpretações às suas palavras, devido ao seu orador. Nesta calibragem, «voluntário» significava «forçado», «aconselhamento» significava «perseguição» e toda a gente que o procurava era irrevogável e inalteravelmente *gay*.

É este último princípio que provoca o único grande desafio que Davidson e os seus colegas apresentam. No seu livro *Sobre a Liberdade*, publicado pela primeira vez em 1859, John Stuart Mill estabeleceu as bem conhecidas quatro razões pelas quais a liberdade de expressão era uma necessidade numa sociedade livre, sendo a primeira e a segunda que uma opinião contrária pode ser verdadeira, ou em parte verdadeira, e portanto pode exigir ser ouvida para corrigir as nossas próprias visões erróneas; a terceira e a quarta afirmam que mesmo que a opinião contrária seja um erro, o facto de ser expressa pode ajudar as pessoas a lembrarem-se de uma verdade e evitar que derive para um dogma ignorante que pode com o tempo — se não for desafiado — acabar por se perder.¹⁷

Conformar-se aos princípios de Mill parecerá difícil para muitas pessoas hoje em dia. Mais difícil, de facto, do que simplesmente mudar dogmas. Nos últimos anos, a opinião aceite em relação aos direitos dos *gays* na América, Grã-Bretanha e maior parte das democracias ocidentais alterou-se incrivelmente, e ainda bem. Mas alterou-se com tanta rapidez que também se assistiu à substituição de um dogma por outro. Deu-se a mudança de uma posição de opróbrio moral para uma posição em que se expressa opróbrio em relação a qualquer pessoa cujas opiniões caiam, ainda que ligeiramente, fora dos limites da nova posição adotada. O problema aqui é que não apenas estamos em risco de sermos incapazes de ouvir posições que estão erradas, mas também podemos estar a impedir-nos de ouvir argumentos que podem ser parcialmente verdadeiros.

Na verdade, por mais confusa que seja a realização do seu filme e por mais desagradável que a sua visão do mundo possa ser, Davidson e os colegas

lidam com algo muito perto da atração sexual. Estas são águas profundas e tóxicas. Mas não vale a pena identificá-las, se não for para mergulhar nelas.

Relativamente à sexualidade, tem sido adotado um conjunto de princípios que se estão a revelar quase tão dogmáticos quanto as noções que vieram substituir. Em junho de 2015, a então ministra conservadora da Educação declarou que as visões homofóbicas eram prova de um potencial «extremismo» nos alunos das escolas inglesas. De facto, como a BBC reportou, Nicky Morgan disse que «atacar valores britânicos nucleares ou ser extremamente intolerante em relação à homossexualidade eram exemplos de comportamentos que podiam fazer soar os alarmes». Eram prova de que um aluno podia ter sido «industriado» por «extremistas», e um aluno que afirmasse considerar a homossexualidade «má» talvez devesse ser referenciado à polícia.¹⁸ Tem algum interesse o facto de em maio de 2013 Morgan ter votado contra a lei que introduzia o casamento *gay* no Reino Unido. Um ano depois, em 2014, afirmou que agora apoiava o casamento *gay* e que votaria a seu favor, caso ainda não fosse legal. Um ano mais tarde, em 2015, considerava opiniões como as que expressara dois anos antes não apenas prova de «extremismo», mas fundamentalmente antibritânicas.

Nos anos de 1990, Hillary Clinton apoiou a «lei de defesa do casamento» do marido, que procurava impossibilitar o casamento *gay* nos Estados Unidos. Viu-o apoiar a política do «Não perguntar, não contar» para os *gays* no exército americano, segundo a qual um soldado *gay* que falasse, mesmo que só a uma pessoa, da sua sexualidade, podia ser imediatamente expulso das forças armadas. Como Robert Samuels escreveu no *Washington Post*, Hillary Clinton teve a oportunidade de fazer história nos direitos *gay*. E recusou.¹⁹ Contudo, em 2016, durante a sua segunda campanha para a presidência, quando os tempos e as opiniões da sociedade mais vasta tinham mudado notavelmente, a comunidade LGBT (em que os *gays* se tornaram agora) eram uma das secções específicas do país a que Clinton afirmou dedicar-se especialmente. Não é invulgar que os políticos alterem as suas posições. Mas a velocidade das mudanças levou a algumas alterações notavelmente bruscas nas posições da classe política.

Outras pessoas e países instituíram mudanças de sentido ainda mais rápidas e ruidosas. Quase imediatamente após o casamento *gay* se tornar legal na Alemanha, aceitá-lo tornou-se uma condição de cidadania no estado de Baden-Württemberg. Ontem havia um dogma. Hoje há outro.

Não foram só alguns políticos que mudaram radicalmente nos últimos anos. Jornais que até há pouco tempo eram decididamente desagradáveis em relação aos homossexuais cobrem agora os casamentos entre pessoas do

mesmo sexo como qualquer outra notícia de sociedade. Colunistas que apenas há alguns anos eram contra idades de consentimento iguais reprimem agora as pessoas que não estão totalmente de acordo com o casamento *gay*. Em 2018, a apresentadora da MSNBC Joy Reid foi publicamente humilhada e obrigada a pedir desculpa depois de serem encontrados comentários feitos uma década antes em que criticara o casamento *gay* — numa altura em que quase ninguém o apoiava. Quando as mudanças acontecem tão rapidamente, tenta-se muito compensar o tempo perdido e há pouca piedade pelos que ficam para trás.

TUDO SE TORNA GAY

E alguns indivíduos, governos e corporações parecem acreditar que a sua missão é compensar o tempo perdido. Estão a impor a discussão das questões *gay* de uma forma que vai um pouco além da aceitação e entra mais no domínio do «Isto vai ser bom para si».

Em 2018, a BBC parecia ter decidido que as notícias especificamente *gay* tinham de ser não apenas veiculadas, mas enfatizadas como notícias de extrema importância. Uma das histórias mais importantes do dia no *website* da corporação em setembro desse ano foi que o mergulhador Tom Daley se sentira «inferior» em relação à sua sexualidade, mas que isso lhe dera motivação para ser um sucesso.²⁰ Esta história foi publicada cinco anos depois de Daley se ter assumido. Entretanto, não estivera calado acerca da sua vida privada. E, no entanto, esta história de interesse humano fez os títulos no *website* da BBC, logo abaixo das notícias acerca de um terramoto seguido de tsunâmi na Indonésia que matara mais de 800 pessoas. No dia seguinte uma das principais histórias do *website* da BBC era a notícia de que uma estrela insignificante dos *reality shows* chamada Ollie Locke anunciara que ele e o noivo (Gareth Locke) iam associar os seus apelidos para se tornarem os Locke-Lockes, depois do seu casamento próximo.²¹ Outra notícia realçada era que o número de mortos no terramoto indonésio aumentara significativamente durante a noite.

Talvez seja preciso ser *gay* para dizer isto, mas há alturas em que esses «noticiários» não parecem mesmo nada noticiários. Em vez disso, parece que está a ser enviado um certo tipo de mensagem, quer para o público, quer para as pessoas que a comunicação social acredita estarem em posições de poder. Já vai além do «Isto vai ser bom para si» e está mais perto do «Vê se gostas, preconceituoso». Há dias em que uma pessoa se pergunta como é que os

heterossexuais se sentem em relação a esta insistência crescente com que as histórias *gay* são realçadas em todas as áreas noticiosas.

Peguemos num dia normal no *The New York Times*. A 16 de outubro de 2017, um leitor da edição internacional do jornal podia decidir fazer um descanso das páginas de opinião e procurar algo mais succulento. Podia virar para as páginas de Economia. Aí descobriria que a história principal na secção de negócios era «*Gay no Japão Já Não É Invisível*». Talvez o leitor habitual das páginas de negócios do *The New York Times* nunca tivesse pensado muito na visibilidade ou falta dela entre os homossexuais no Japão. Ora aqui estava uma oportunidade de aprender algo que não sabia. Especificamente, aprender a história de Shunsuke Nakamura, que recentemente usou uma reunião matinal com alguns colegas da sua companhia de seguros para se assumir como *gay*. Isto num país em que as atitudes relativamente à homossexualidade têm sido (segundo um professor da Universidade de Tóquio citado no artigo) «mais de indiferença do que de ódio». Quer dizer que o *The New York Times* escolhe esparramar em duas páginas, como artigo principal de Economia, a forma como um homem se assumira sem consequências negativas numa empresa, num país que não tinha nenhum problema especial com a homossexualidade. Em geral, teria de ser um dia especialmente calmo nos mercados para que tal história fosse a mais importante nessas páginas.

Virando uma página, a história continua, desta vez sob o título «Empresas no Japão Mais Recetivas aos *Gays*». Nesta altura, o leitor casual pode já ter satisfeito o seu interesse na posição dos homossexuais no seio das empresas japonesas e terá começado a desviar os olhos, sentindo-se culpado, para a página ao lado, a secção de Cultura. E qual é a história principal ali? «*A Broader Stage for Love*» [Um Palco Maior para o Amor].

O tema deste artigo pode ser adivinhado pela fotografia de meia página que o acompanha, mostrando dois bailarinos com os braços e os corpos entrelaçados. «O *ballet* muda mais lentamente que a maioria das formas de arte», informa o jornal os seus leitores, continuando excitadamente, «mas no decurso de apenas duas semanas o New York City Ballet, uma das companhias mais importantes do mundo, apresentou dois bailados com importantes duetos do mesmo sexo».

A causa para este entusiasmo é um bailado chamado «*The Times Are Racing*», cuja última produção — no New York City Ballet — inclui um homem num papel originalmente criado para uma mulher. O *The New York Times* prossegue com a explicação de como, a partir de agora, o mundo esmagadoramente heterossexual do *ballet* está finalmente «a reagir ao mundo contemporâneo e a colocá-lo no palco dos bailados». Um coreógrafo envolvido

prometeu «uma exploração da neutralidade de género» no seu trabalho numa publicação do Instagram com os *hashtags* «loveislove», «genderneutral», «equality» «diversity», «beauty», «pride» e «proud». Um solitário coreógrafo herege foi alvo de críticas pela sua declaração de que «existem papéis de género no *ballet* tradicional» e que embora «homens e mulheres tenham igual valor», têm «tarefas diferentes». As estrelas do New York City Ballet — e o *The New York Times* — não concordaram.

Ninguém ficou surpreendido com a revelação de que vários dos principais bailarinos masculinos do New York City Ballet são *gays*, e um deles explicou ao *The New York Times* como o seu parceiro de dança nos ensaios não tardou a virar-se para ele e a dizer: «É tão bom estar num papel em que sinto ser realmente possível apaixonar-me pela pessoa com quem estou a dançar, em vez de fingir que sou um príncipe a apaixonar-se por uma princesa.» Ao que se poderia responder que alguém que ache entediante interpretar cenas em que os príncipes se apaixonam por princesas faria melhor em pensar que não é feito para o *ballet*. Mas, caso esta explosão de diversidade no palco dos bailados não seja suficiente, a história acrescenta mais dicas de nutrição moral informando que a sua produção «explora não só uma relação entre pessoas do mesmo sexo, mas também questões de raça». Descrevendo o efeito geral de dois homens a dançarem juntos, a coreógrafa declarou que «ficou deslumbrada». «De repente, eles podiam apenas ser eles próprios», é a conclusão da história. Momento em que o leitor do *The New York Times* tem oportunidade de ler a outra história principal da secção de «Cultura»: uma peça sobre o facto de as comediantes femininas que fazem anedotas com a gravidez e a maternidade estarem finalmente a ganhar importância.²²

Não há nada de errado em um jornal de referência dedicar as suas páginas de Cultura e Economia, assim como uma grande parte dos artigos de opinião, a temas *gay*. Mas, por vezes, parece que há algo mais a acontecer nisto tudo. O uso de histórias de especial interesse para os *gays* com propósitos que não sejam os de verdadeira notícia: talvez compensar o tempo perdido, ou talvez esfregar as coisas na cara daqueles que ainda não estão a acompanhar o ritmo das grandes mudanças da época. Seja como for, há algo de estranho e vingativo no ar.

Claro que as pessoas mudam, aprendem e muitas vezes alteram a sua opinião. A maioria fá-lo tranquilamente, em geral depois de outros terem feito o trabalho pesado. Mas um problema de mudar as posições sociais tão rapidamente é que assuntos e argumentos por explorar e mesmo por explodir vão ficando para trás. Quando Piers Morgan perguntou ao seu convidado, «Como é que pode pensar que ninguém nasceu *gay*?», a resposta é que muitas pessoas

pensam assim e devem ter razão, pelo menos em parte. Ainda ninguém tem a certeza. E, seja ou não verdade que ninguém nasce *gay*, ou que todos os *gays* nasceram assim, isto não implica necessariamente que ser *gay* seja uma rua de um só sentido.

UMA RUA DE UM SÓ SENTIDO?

Essa ideia é só um lugar curioso a que a nossa cultura chegou. Na sociedade em geral, quando as pessoas se assumem como *gays*, são celebradas por terem chegado à sua meta natural. Para a maioria das pessoas isto é um reconhecimento decente pela sociedade de que não há problema em serem quem são: chegaram ao lugar que é natural e certo para eles. Mas uma curiosidade desta posição é que toda a gente que é *gay* e depois decide ser hétero será sujeito não apenas ao ostracismo e à desconfiança, mas a uma dúvida disseminada de que estejam a ser honestos acerca de si próprios. Um heterossexual que se torna *gay*, assentou. Um *gay* que muda para hétero torna-se objeto de desconfiança permanente. Depois de estar fortemente inclinada para os heterossexuais, a cultura estabilizou numa ligeira inclinação em relação aos homossexuais.

Depois de escrever o revolucionário drama *gay Queer as Folk* em finais dos anos de 1990, o argumentista Russell T. Davies escreveu outra série de televisão chamada *Bob and Rose* (2001). Esta contava a história de um *gay* que se apaixona por uma mulher. Foi motivada, como Davies contou à imprensa na altura, pelo reconhecimento de que os homens homossexuais que se tornavam hétero recebiam frequentemente mais ressentimento do seu círculo de amigos do que um heterossexual que se tornasse *gay*.²³

Talvez essa seja uma das razões para se tratar tão pouco de toda a direção do trânsito. Para muitos homens e mulheres *gays*, a ideia de que a sexualidade é fluida e o que vai num sentido também pode ir no outro (o que sobe tem de descer) é um ataque pessoal. E este não é um medo sem fundamento. Muitos *gays* ouvirão nesta sugestão algum eco daquelas palavras horríveis, «É só uma fase». Os *gays* acham esta sugestão extremamente ofensiva, assim como destabilizadora nas suas relações com os pais, a família e outros. Então, visto que a frase é ofensiva para algumas pessoas, a ideia de que pode ser verdadeira para outros é inaceitável.

Por seu turno, os Millennials e a Geração Z tentaram oferecer a sua própria solução em relação a isto, enfatizando a fluidez sexual. Os inquéritos de

opinião sugerem que estas pessoas, agora no final da adolescência, estão a afastar-se da ideia de existirem pontos fixos na sexualidade, com um estudo de 2018 a mostrar que apenas dois terços da Geração Z afirma ser «exclusivamente heterossexual».²⁴ Embora ainda seja uma maioria, isto sugere uma mudança distinta em relação às gerações antes deles.

Para essas gerações mais velhas do que os Millennials, a questão da «fluidez» permanece complexa e muitas vezes dolorosa. Para muitos deles, as pessoas que se juntam ao clube e depois o abandonam têm muito mais probabilidade de serem criticadas do que aquelas que nunca se juntaram. Podem não se revelar nos inquéritos e decerto que não têm um porta-voz nacional ou «líderes comunitários», mas muitos *gays* conhecem casos destes. Amigos que não se encaixavam no mundo *gay*, a quem desagradava o ambiente e não encontravam outro. Pessoas que mergulhavam nesse mundo e depois saltavam fora. Ou pessoas que procuravam outras coisas na vida. Pessoas, por exemplo, que queriam filhos e a segurança do casamento, ou que prescindiram ou puseram de lado a homossexualidade para tentarem ser outra coisa. Ou (e ninguém sabe que proporção de pessoas isto pode incluir) pessoas que, tendo mantido relações com indivíduos do mesmo sexo a maior parte das suas vidas, de repente — como o protagonista de *Bob & Rose* — se apaixonam por uma pessoa do outro sexo.

Este género de comportamento vai diminuir agora que existem uniões de facto e casamentos *gay*, já para não falar em adoções ou até a possibilidade de parentalidade *gay*? Irão as pessoas adotar cada vez mais as identidades sexuais flexíveis da Geração Z? Talvez sim. Ou talvez não. Porque toda a gente conhece alguém que não era feito para isso. Pessoas que deram um ocasional beijo *gay* ou algo mais e depois continuaram a ser heterossexuais. E, embora a cultura do passado recente tivesse visto o beijo *gay* como uma aberração — uma saída da norma —, a cultura de hoje em dia sugere que este é o momento da revelação da verdade.

Hoje em dia, a pessoa que outrora teve algum comportamento *gay* é aquela que se acredita viver numa mentira. Porque, de certa forma, desenvolveu-se a perceção de que ser *gay* é ter acedido à sua verdadeira natureza, ao contrário de voltar a ser hétero. Isto é diferente de uma reivindicação de bissexualidade. É uma presunção de que a balança da sexualidade não está equilibrada mas, de facto, se inclina para a homossexualidade. E que, embora numa era anterior os pratos da balança pudessem ter pendido para a heterossexualidade, agora decidiram inclinar-se na direção oposta. Talvez para corrigir um erro anterior (na esperança de que, a certa altura, se atinja um ponto de equilíbrio). Porém, como é que as pessoas vão perceber que se atingiu esse ponto de equilíbrio, é

impossível dizer. Porque, como em tudo o resto, vamos improvisando à medida que avançamos.

De momento, as gerações acima dos Millennials — assim como uma crescente maioria entre estes — retêm a ideia de, pelo menos, alguns pontos fixos da identidade sexual. Talvez até porque conhecer a posição das outras pessoas impõe, no mínimo, alguma clareza nos relacionamentos e potenciais relacionamentos. Mas o facto de tudo isto poder mudar de uma identidade fixa para outra, e daí para a fluidez, aponta para mais que um salto de um dogma para outro. Isto sugere uma profunda incerteza acerca de um facto subjacente e raramente mencionado, que é o de ainda não sabermos muito bem porque é que algumas pessoas são *gays*. Após décadas de investigação, este é um problema demasiado importante — e potencialmente desestabilizador — para permanecer sem solução numa questão de identidade que atingiu lugar dianteiro nos nossos valores expressos.

Alguma sensibilidade em relação a este assunto é, naturalmente, compreensível. Afinal, só em 1973 é que a Associação Americana de Psiquiatria decidiu que não existiam provas científicas que justificassem continuar a tratar a homossexualidade como uma doença. Nesse ano retiraram-na do seu glossário de perturbações mentais (um raro exemplo de algo retirado desse volume sempre em crescimento). A Organização Mundial de Saúde fez a mesma coisa em 1992. Nada disto aconteceu há muito tempo, e é uma razão para permanecerem algumas desconfianças por a linguagem ou a prática da medicalização ou da psiquiatria entrarem na discussão da homossexualidade.

Contudo, ao facto de se aceitar que ser *gay* não é uma desordem mental, não se segue imediatamente que seja um estado do ser totalmente incrustado e inamovível. Em 2014, o Royal College of Psychiatrists (RCP) de Londres emitiu uma fascinante «declaração sobre a orientação sexual». Foram notavelmente obstinados na sua condenação de tudo o que procurasse estigmatizar as pessoas que afirmem ser *gays*. E explicavam que a RCP não acredita que terapias para alterar a orientação sexual de alguém possam funcionar em nenhum dos sentidos. A RCP não podia transformar um homossexual num heterossexual, nem o contrário. E, no entanto, reconhecem algo de extrema importância: «O Royal College of Psychiatrists considera que a orientação sexual é determinada por uma combinação de fatores biológicos e pós-natais.» Citam um conjunto de fontes para apoiar este argumento²⁵ e reafirmam que: «Não existem provas para ir além disto e imputar qualquer género de escolha à origem da orientação sexual.»²⁶

Porém, apesar de preocupados com putativas «terapias de conversão» que criam um ambiente em que «o preconceito e a discriminação prosperam»,

considerando-as «totalmente sem ética» e propondo-se tratar de algo que «não é uma doença», o RCP também diz o seguinte:

Não quer dizer que a orientação sexual seja imutável ou não possa variar em alguma medida ao longo da vida de uma pessoa. Contudo, para a maioria das pessoas, a orientação sexual parece ser estabelecida em torno de um ponto largamente homossexual ou heterossexual. Os bissexuais podem ter um certo grau de escolha em termos de expressão sexual, em que se podem focar no seu lado heterossexual ou no homossexual.

Também é verdade que para as pessoas que se sentem infelizes em relação à sua orientação sexual — seja esta heterossexual, homossexual ou bissexual — poderá haver espaço para explorarem opções terapêuticas que os ajudem a viver mais confortavelmente com ela, reduzir a sua perturbação e atingir um grau mais elevado de aceitação da mesma.²⁷

A Associação Americana de Psicologia concorda. O seu conselho mais recente quanto a esta matéria diz:

Não existe consenso entre os cientistas acerca das razões exatas para um indivíduo desenvolver uma orientação heterossexual, bissexual, *gay* ou lésbica. Embora muita investigação tenha examinado as possíveis influências genéticas, hormonais, de desenvolvimento, sociais e culturais sobre a orientação sexual, não emergiram descobertas que concluam que a orientação sexual seja determinada por qualquer fator ou fatores em particular. Muitos pensam que tanto a natureza como a educação desempenham papéis complexos; a maior parte das pessoas experienciam pouco ou nenhum sentido de escolha acerca da sua orientação sexual.²⁸

Isto é tudo bastante admirável do ponto de vista de tentar reduzir a discriminação ou atitudes tortuosas e sem sucesso de «endireitar as pessoas». Porém, sublinha o facto de ainda não haver respostas para o que torna alguém *gay*. A lei pode ter mudado. Mas não existe praticamente mais conhecimento agora do que havia antes sobre o porquê e se alguém escolhe ser homossexual.

O que não significa que não se tenham feito algumas descobertas úteis. Na década de 1940, o sexólogo Alfred Kinsey realizou o que foi então o mais

sofisticado e abrangente trabalho de campo sobre as preferências sexuais humanas. Apesar de muitas críticas metodológicas, as suas conclusões foram, durante anos, consideradas mais ou menos exatas. Nas obras que foram produto dessa investigação (*Sexual Behaviour in the Human Male*, 1948, e *Sexual Behaviour in the Human Female*, 1953), Kinsey e os seus colegas declararam ter descoberto que 13% dos homens eram «predominantemente homossexuais» durante pelo menos um período de três anos entre os 16 e os 55 anos, e que cerca de 20% das mulheres tinha tido alguma experiência sexual com outra mulher. A famosa escala de Kinsey da experiência sexual humana produziria um título clamando que cerca de 10% da população geral era homossexual. Nos anos posteriores a Kinsey estes números foram — como tudo o resto nesta área — um campo de batalha. Grupos religiosos receberam com agrado qualquer inquérito que sugerisse que o número de homossexuais era inferior. Por exemplo, agarraram-se ao Inquérito Nacional Americano dos Homens de 1991 que afirmava que apenas 1,1% dos homens eram «exclusivamente homossexuais» e ao Instituto Nacional de Estatística britânico (ONS), que chegou ao mesmo número duas décadas depois. Em 1993, um inquérito cara a cara conduzido pelo Instituto Alan Guttmacher na América chegou ao fantástico número de apenas 1% de população *gay*. Este número — o mais baixo a que se chegou até à data — foi bem acolhido pelos mesmos grupos religiosos. O presidente da Traditional Values Coalition deu vivas: «Finalmente, a verdade veio ao de cima.» E um locutor de rádio de direita declarou: «Estamos vingados!»²⁹

Porém, tal como há aqueles que acolhem bem todas as estatísticas que minimizem o número de *gays* na população geral, também há aqueles que desejam maximizá-lo. O grupo Stonewall de defesa dos direitos dos *gays* descreveu a estatística de 5-7 por cento de *gays* na população total como uma «estimativa razoável», mas este número está consideravelmente abaixo do de Kinsey. As novas tecnologias permitem que algum do debate em torno de tudo isto seja concluído, ou pelo menos clarificado. Tem os seus problemas metodológicos, tal como os inquéritos às famílias do ONS (nesse caso devido a dificuldades como a de calcular os *gays* no armário). No entanto, visto que muito poucas pessoas mentirão sistematicamente aos seus motores de busca, a informação sobre homossexualidade obtida em Big Data é considerável. O anterior cientista de dados do Google, Seth Stephens-Davidowitz, revelou que cerca de 2,5 por cento dos utilizadores masculinos do Facebook registam um interesse em membros do mesmo sexo.

Em buscas por pornografia na internet, Stephens-Davidowitz chega mais perto de atingir um número que inclua pessoas que não são tão abertas acerca

da sua sexualidade. Uma coisa perturbadora acerca desses números é que eles são bastante consistentes através dos estados americanos. Por exemplo, embora em Rhode Island haja o dobro de utilizadores *gays* do Facebook que no Mississípi (um facto que pode ser parcialmente explicado pela migração *gay*), as pesquisas de pornografia na internet são notavelmente consistentes. Assim, embora cerca de 4,8% das pesquisas de pornografia na internet no Mississípi sejam de pornografia *gay*, em Rhode Island são 5,2 por cento. Com todas as necessárias ressalvas (pessoas que veem por curiosidade, por exemplo), Stephens-Davidowitz chega à conclusão de que uma estimativa justa da população *gay* na América anda à volta dos 5 por cento.³⁰

Contudo, como todas as outras estatísticas, estas continuam a ser usadas como uma espécie de jogo da bola. Em 2017, o ONS britânico afirmou que o número de *gays*, lésbicas, bissexuais ou transgénero no Reino Unido atingira pela primeira vez um milhão de pessoas. A *Pink News* inglesa descreveu-o como «um número de referência para a comunidade», acrescentando que o número era «alto — mas não bastante alto».³¹ Digam-me, por favor, quão alto gostavam que fosse?

Apesar de tudo isto, nas décadas recentes o público tem chegado às suas próprias conclusões sobre esta matéria. E as suas opiniões mudaram significativamente. Em 1977, pouco mais de 10 por cento dos americanos pensavam que as pessoas nasciam homossexuais. Em 2015, cerca de metade da população americana acreditava ser este o caso. Ao longo do mesmo período, o número de americanos que concordavam que ser *gay* se devia «à educação e ambiente» era metade dos que concordavam com a mesma afirmação em 1977. Não será coincidência que as atitudes morais dos americanos em relação à homossexualidade tenham mudado enormemente no mesmo período. Os inquéritos Gallup entre 2001 e 2015 mostraram que os relacionamentos *gays* e lésbicos eram vistos como «moralmente aceitáveis» por 40 por cento dos americanos em 2001 e 63 por cento em 2015. Aqueles que os consideravam «moralmente errados» no mesmo período caíram de 53 para 34 por cento.³² O único fator que os inquéritos de opinião mostraram ter mudado na opinião pública em relação ao assunto foi as pessoas conhecerem alguém — um familiar, amigo ou colega de trabalho — *gay*. Este fator tem implicações significativas para outros movimentos de direitos. Um segundo fator óbvio nessa mudança de atitude tem sido a visibilidade cada vez maior dos *gays* na vida pública.

Mas o fator moral que mais claramente mudou as atitudes em relação à homossexualidade foi ter-se passado da ideia da homossexualidade como um comportamento aprendido para a crença de que é inato. O reconhecimento

de como isto foi importante no caso dos *gays* tem implicações significativas noutras campanhas de direitos civis. Aqui podemos vislumbrar uma das mais significativas bases da moralidade contemporânea: o reconhecimento fundamental de que é errado punir, menosprezar ou sentir-se superior a pessoas por características que elas não podem controlar. Este pode parecer um princípio basilar da moralidade, mas não existiu durante a maior parte da história humana, quando características inalteráveis das pessoas foram muitas vezes usadas contra elas.

HARDWARE VERSUS SOFTWARE E A NECESSIDADE DE «TER NASCIDO ASSIM»

Todavia, o mundo contemporâneo começou a assentar numa moralidade cujas próprias raízes estão em disputa e que podem ser vistas como uma questão de *hardware* versus *software*.

O *hardware* é algo que as pessoas não podem mudar e, assim (argumenta-se), é algo por que não devem ser julgadas. O *software*, por outro lado, pode ser alterado e pode exigir julgamentos — incluindo julgamentos morais. Inevitavelmente, num tal sistema, haverá uma pressão para transformar potenciais assuntos de *software* em assuntos de *hardware*, quanto mais não seja para reunir mais simpatia pelas pessoas que tenham problemas que, de facto, são de *software* e não de *hardware*.

Por exemplo, se uma pessoa for alcoólica ou toxicod dependente, os outros podem vê-la como tendo uma falha em relação a algo sobre que devia exercer algum controlo. Se falham, é consequência da sua própria fraqueza, má tomada de decisões ou qualquer outra fraqueza moral. Se, por outro lado, não puderem controlar o seu comportamento, então não podem ser acusados, mas antes ser vistos como vítimas das circunstâncias e compreendidos como tal. Um bêbado empedernido pode ser um problema para toda a gente à sua volta, mas se se acreditar que nasceu com uma tendência para o alcoolismo — ou, melhor ainda, que tem um «gene alcoólico» —, pode ser visto a uma luz muito diferente. Em vez de ser visto com algum grau de crítica, pode obter vários graus de simpatia. Se o seu alcoolismo fosse um comportamento aprendido, ele podia ser considerado fraco, ou mesmo mau. Em geral nós, as pessoas modernas, somos mais empáticos com comportamentos que não podem ser mudados, mas ainda podemos criticar ou questionar um estilo de vida que consideremos uma questão de escolha — especialmente se o comportamento